

**O DIZER-VERDADEIRO DA DEMOCRACIA E NA TIRANIA:
UMA ANÁLISE DA PARRESÍA POLÍTICA NA ANTIGUIDADE A
PARTIR DE MICHEL FOUCAULT**

The Truth-Telling of Democracy and Tyranny: An Analysis of Political Parrhesia in Antiquity Based on Michel Foucault

Maria Clara dos Santos Primo¹

RESUMO

Este artigo busca compreender as relações entre verdade, poder e sujeito, temas centrais na obra de Michel Foucault, com ênfase em seus cursos finais a partir das tragédias gregas *Íon* e *Édipo Rei*, buscarmos retomar o conceito de parresía, entendido etimologicamente como a prática de “dizer tudo,” examinando como essa noção atravessa os campos da aleturgia (produção da verdade), governamentalidade (governo dos outros) e subjetividade (governo de si). A abordagem da crise da parresía em meio a democracia e na tirania é ponto de articulação, na qual Atenas é colocada como centro da análise por suas pretensões de ser o espaço ideal para o exercício do falar franco e onde as tragedias utilizadas neste trabalho são um espelho de como a política funcionava na antiga cidade de Atenas. Para isso, a metodologia adotada é de caráter bibliográfico e analítico-descritivo, com o objetivo de examinar as fontes primárias das aulas ministradas por Foucault e os conceitos por ele desenvolvidos.

Palavras-chave: Democracia; Parresía; Foucault; Tragedias; Política.

ABSTRACT

This article seeks to understand the relationships between truth, power, and subject, central themes in Michel Foucault's work, with an emphasis on his final courses based on the Greek tragedies *Ion* and *Oedipus Rex*. We will revisit the concept of parrhesia, etymologically understood as the practice of “saying everything,” examining how this notion crosses the fields of aleturgy (production of truth), governmentality (government of others), and subjectivity (government of oneself). The approach to the crisis of parrhesia in the midst of democracy and tyranny is a point of articulation, in which Athens is placed at the center of the analysis for its claims to be the ideal space for the exercise of frank speech and where the tragedies used in this work are a mirror of how politics worked in the ancient city of Athens. To this end, the methodology adopted is bibliographic and analytical-descriptive in nature, with the aim of examining the primary sources of the lectures given by Foucault and the concepts he developed.

Keywords: Democracy; Parrhesia; Foucault; Tragedies; Politics.

¹ Graduanda em filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), bolsista do PET Filosofia - realiza pesquisas sobre o pensamento do filósofo Michel Foucault. Este artigo integra um projeto de Iniciação Científica Voluntária (ICV/UFPI), desenvolvido entre os anos de 2024 e 2025. Contato: maria.primo@ufpi.edu.br

INTRODUÇÃO

As relações entre verdade, poder e sujeito: eis a preocupação perene de Foucault, e é no retorno à *parresía* grega que ele faz a síntese entre os três elementos-chave de seu pensamento: “A *parresía* (...) é etimologicamente a atividade que consiste em dizer tudo: pân rema. (...) O parresiasta é aquele que diz tudo” (Foucault, p. 10, 2011). Em torno do falar francamente, do dizer-a-verdade (veridicção) sobre tudo, inclusive sobre si, serão imbricadas as questões da aleturgia (produção da verdade), da governamentalidade (governo dos outros) e da subjetividade (governo de si).

Inicialmente por meio do curso ministrado por Foucault, intitulado *A coragem da verdade* (Foucault, 2011), foi analisado como o falar franco se articula como movimento amplamente valorizado e modelo de virtude cívica na Antiguidade, arraigada na prática política a partir dos textos de Eurípides, numa série de movimentos que refletem a estrutura democrática ateniense e modo como as produções de verdade se articulam.

A *parresía* é trabalhada por Foucault inicialmente em seu curso de 1983 no Collège de France, intitulado *O Governo de Si e dos Outros* (2010), com ênfase na dimensão política da fala franca em meio a antiguidade, em que o dizer verdadeiro é constituído como fundamento esquecido da democracia ateniense e uma prática comum dos conselheiros políticos do Príncipe, nas tiranias (Villa, 2023). Deste modo, este trabalho tem como objetivo investigar a *parresía* política em meio a democracia ateniense e suas complicações.

Nesse contexto, a prática parrhesiastica era concebida como um direito inerente ao homem bem-nascido, adquirido por sua condição ao berço e sustentado por uma série de configurações sociopolíticas profundamente entrelaçadas à organização democrática da cidade. Segundo Foucault (2011) a *parresía* era um direito a conservar a qualquer preço, era uma das formas de manifestação e existência livre de um cidadão. Esta, possui também o poder de definir aqueles que poderiam ou não ser considerados cidadãos, e consequentemente, estabelece os que possuem o direito de falar francamente.

Através das tragédias de Eurípides e Sófocles, duas obras principais serão analisadas *Íon* e *Édipo Rei*, uma vez que as tragédias de Eurípides são as primeiras ocorrências da palavra *parresía* na literatura grega, aparecendo em diversas de suas obras. Aqui, nos deteremos nosso maior desenvolvimento apenas a *Íon*, foco de Foucault e obra de grande importância no desenvolver do problema da *parresía*, uma vez que possibilita a investigação sobre a questão: quem possui o direito, dever e a coragem de falar a verdade em meio a pólis?

Em Íon, o problema parrehesiástico é desenvolvido pelas estruturas relacionais entre deuses e seres humanos, na qual toda a conjuntura mitológica possuem conotações políticas e carregam consigo toda a fundação de Atenas e seu modo de funcionamento político. O objetivo desta análise são os princípios imperialistas atenienses em relação a outras cidades gregas. Aqui não nos focaremos em aspectos mitológicos, tampouco na narrativa completa destas histórias.

A análise se concentrará no modo como a *parresía* se articula e nas complicações que traz consigo em um ambiente político democrático, como o de Atenas. A metodologia adotada é de caráter bibliográfico e analítico-descritivo, com o objetivo de examinar principalmente fontes primárias, com foco nas aulas ministradas por Foucault, através do método hermenêutico, com ênfase na interpretação dos conceitos centrais e na compreensão das implicações políticas do falar francamente.

A PARRESÍA E AS FORMAS ALETÚRGICAS

A análise dos últimos cursos de Foucault revela que o autor não estava preocupado na criação de um novo modelo político ideal, mas buscava analisar práticas históricas do dizer a verdade, ou seja, a investigação crítica das condições e modos históricos que cercam o dizer verdadeiro desde os primórdios da civilização grega - além do modo como estas aparecem politicamente e se reformulam até os dias atuais em meio à contemporaneidade. Ou seja, o foco foucaultiano não é prescrever como a democracia deve ser, mas problematizar como, historicamente, ela se constituiu como um espaço atravessado por práticas de verdade.

Em seu último curso no Collège de France, intitulado *A Coragem da Verdade* (2011), Michel Foucault retoma e se debruça sobre o tema da *parresía*, fazendo uma análise da fala franca e de como o sujeito que pelo ato de dizer a verdade se manifesta, representando a si mesmo e sendo reconhecido por outros numa espécie de pacto com a verdade. A proposta é a análise da formação dos saberes, por meio do deslocamento do desenvolvimento das práticas discursivas e da história das formas aletúrgicas, ou seja, das formas de produção da verdade e onde elas se manifestam, tendo seu foco no estudo da fala franca como uma modalidade do dizer-a-verdade.

Deste modo, Foucault desenvolve o redirecionamento de sua abordagem a partir de 1970, o método genealógico observado ao longo de seus últimos cursos lecionados no Collège de France, interessado em desdobrar campos de problematização que atravessam a história e ressoam na modernidade, retoma as fontes primárias destes problemas, ou seja, as greco- romanas, como ponto de

partida para análise do problema da *parresía* política em meio à democracia ateniense.

Os movimentos de enunciação da verdade dentro do contexto democrático ateniense são denominados modos aletúrgicos (modos de produção da verdade) e possuem delimitações dentro da sociedade, diferenciando-se em suas práticas e em diferentes modos de compromissos com a verdade ao disporem de papéis de importâncias diversas em sociedade. Aqui, o objeto de estudo principal de Foucault se encontra na arqueologia da palavra '*parresía*', forma aletúrgica que preza pela verdade a qualquer custo, sendo etimologicamente a atividade que consiste em dizer tudo: pân rema ou parresiázesthai, termo grego que significa "franqueza" ou "liberdade de dizer a verdade", a *parresía* é o falar franco e sincero (Castro apud Villa, 2023), de dizer tudo, sem rodeios, de dizer a verdade, inclusive sobre si mesmo, surgindo inicialmente como um direito político, portanto, como privilégio do cidadão ateniense.

Esta, não se limita apenas a ações discursivas ligadas a deveres e técnicas de ensino, mas faz parte da constituição de práticas éticas e políticas profundamente arraigadas que não se limitam a modos ou regras. A análise das diferentes formas aletúrgicas oferece uma abrangente visão das relações entre verdade, poder e sujeito e sobre como, por meio das práticas de discurso, o sujeito fala a verdade sobre si mesmo, mas aqui, nos deteremos na *parresía* em sua dimensão política.

A PARRESÍA POLÍTICA COMO EXERCÍCIO PERIGOSO A PARTIR DAS TRAGÉDIAS ÍON E ÉDIPO REI

Na abertura do curso *O governo de si e dos outros* (2010), Foucault recorre de modo didático à retomada de tragédias gregas e escritos filosóficos para melhor traçar o caminho feito pelos jogos de verdade e mais especificamente da *parresía* em meio à democracia ateniense, delineando os movimentos feitos por estas estruturas na qual o falar francamente não se configura apenas como conceito filosófico, mas como prática cultural atravessada por tensões sociais e conflitos reais da pólis.

As tragédias revisitadas em seu curso evidenciam os perigos do dizer verdadeiro dentro da vida política, e sua importância para a manutenção de um status social muito valorizado em toda Atenas: o de cidadão legítimo.

As tragédias *Íon*, de Eurípides, e *Édipo Rei*, de Sófocles (2018), são retomadas em paralelo como ponto principal no desenvolvimento da *parresía* política. Ambas narram a história de homens que são salvos da morte e buscam uma verdade, demonstrando no desenrolar de suas tramas as consequências que o falar francamente traz para a pólis e seus locutores, afetando a ordem política da cidade e pondo em risco os locutores do dizer franco, como cita Foucault em referência à tragédia de Íon: "A peça *Íon* é verdadeiramente a representação dramática do fundamento do dizer-a-verdade político no campo da

constituição ateniense e do exercício do poder em Atenas" (Foucault, 2010, p. 78).

O enredo da tragédia *Íon* se constrói em torno do segredo de sua origem. Íon não possui conhecimento sobre quem são seus pais, e assim, toda a trama será desenvolvida em torno do núcleo familiar, religioso e político que marcam a vida de Íon e ultrapassam o plano privado: a revelação da verdadeira filiação de Íon assume implicações políticas decisivas para Atenas, pois toca na legitimidade da sucessão e da ordem da cidade. Apolo, pai de Íon, mantém o silêncio sobre a verdade, até que uma série de acontecimentos em sequência finalmente torna público a origem de Íon.

Na tragédia *Édipo Rei* (2018), de Sófocles, o enredo se estrutura em torno da investigação da peste que assola Tebas e da necessidade de descobrir sua causa. Édipo, na condição de governante, assume a tarefa de buscar a verdade e, nesse processo, expõe-se ao risco do próprio desvelamento: ao final, descobre que ele mesmo é a origem da desgraça da cidade, por ter matado seu pai e desposado sua mãe. O movimento trágico é claro: ao dizer e buscar a verdade, Édipo destrói a si próprio, mas também restaura, ainda que por meio da catástrofe, a ordem da cidade. Nesta tragédia, temos o desenvolver da questão da *parresía* exercida com o tirano.

A trajetória em busca da verdade sobre seus pais em *Íon* revela interesses igualmente importantes, como o de sua identidade como cidadão legítimo de Atenas, e a conquista do direito de fala livre em meio a vida política na *pólis*, para Foucault, Íon buscava fundar seu direito político em Atenas. Ele quer ter o direito de falar, de dizer tudo. Para fundar sua *parresía*, precisa que a verdade seja enfim dita, uma verdade capaz de fundar esse direito (Foucault, 2010, p. 92).

Íon almejava o direito de fala inerente ao cidadão ateniense. Deste modo, fica claro a importância da *parresía* que deseja exercer, em uma constante recusa a obtê-la por meios indignos, através do poder tirânico; esta não se confunde com o exercício do poder, correspondendo a um problema político muito específico na época em que Eurípedes escreveu *Íon*. Para Foucault (2010) essa *parresía* é, portanto, algo além do puro e simples estatuto do cidadão, não é tampouco uma coisa dada pelo poder tirânico. Então qual sua definição e aplicação?

A *parresía*, é um direito de fala articulado em meio à constituição ateniense, inicialmente desenvolvido e amplamente valorizado como um modelo de virtude cívica na Antiguidade, arraigada na prática política dentro da *pólis* a partir dos textos de Eurípides, refletindo as estruturas democráticas atenienses e os modos de produção de conhecimento e verdade.

Nessa conjuntura, a *parresía* é concebida o direito inerente ao homem bem-nascido, adquirido por sua condição ao berço, que se sustenta através de uma série de configurações sociopolíticas profundamente entrelaçadas à organização democrática da cidade, definindo

aqueles a serem considerados cidadãos e determinando a participação destes dentro dos ciclos políticos da cidade de Atenas. É simplesmente o pertencimento à terra, a *autoctonia*², que produz continuidade histórica a partir de um território que pode proporcionar a *parresía* (Foucault, 2010, p.98).

Então vejam, a necessidade de saber quem é sua mãe é para determinar se ela é descendente da terra ateniense, pois somente assim ele seria dotado da *parrhesia*. E ele explica que alguém que chega em Atenas como estrangeiro — mesmo que literal e legalmente seja considerado um cidadão — não pode desfrutar da *parrhesia*. O que então significa o aparentemente digressivo retrato crítico da vida democrática e monárquica, que culmina com a referência final que fazem à *parrhesia* [...] (Foucault, 2013, p. 30).

A série de requisitos para o exercício da *parresía*, no percurso histórico de Atenas, fez com que a manutenção desse direito de fala - considerado inerente ao cidadão - dependesse de certa firmeza e manutenção diante das normas da cidade, para que se mantivesse a normatividade da ordem política em meio à *pólis*. Assim, aqueles que assumiam a defesa da *parresía* a transformavam, inevitavelmente, em uma prática arriscada aos que desejavam praticar o ato de falar francamente.

A dupla referência de Foucault a Íon e Édipo Rei cumpre uma função precisa no curso de 1982. Ao evocar as tragédias, Foucault indica que a *parresía* deve ser pensada não como um direito abstrato de falar livremente, mas como uma prática que envolve sempre riscos concretos: podendo legitimar ou desestabilizar a ordem política, trazendo riscos reais à cidade e ao locutor da verdade, como analisado na *A apologia de Sócrates* (Platão, 2008), Por Foucault:

Poderíamos dizer, mais uma vez muito esquematicamente, que entre democracia e dizer-a-verdade há essa grande luta: por um lado, quando observamos as instituições democráticas, vemos que elas não podem suportar o dizer a verdade e que não podem eliminá-lo; [por outro lado], se fizermos valer o dizer-a-verdade a partir da opção ética que caracteriza o filósofo e a filosofia, pois bem, a democracia não pode deixar de ser eliminada. Ou democracia, ou dizer-a-verdade (Foucault, 2011, p. 42).

² É o pertencimento à terra, o arraigamento no solo, a continuidade histórica a partir de um território que proporciona a *parresía*, ou seja, ser filho de pais atenienses e ter nascido em terras atenienses que proporcionam a participação na vida política da polis e o direito de fala livre (Foucault, 2011).

A tragédia de Íon, o movimento que leva ao “dizer verdadeiro” implica riscos e pode desestabilizar relações de poder já estabelecidas, uma vez que expõe o silêncio imposto por Apolo, reconfigura a posição política de Creúsa e recoloca em disputa a fundação do poder em Atenas. Através de Íon, sua relação com a questão política e com a democracia grega demonstra a ordem social buscada pela ordem democrática da *pólis* (já que a questão de fundo é justamente Íon ter ou não pais que sejam cidadãos atenienses, para que ele possa utilizar o modo de veridicção *parrhesiastico* em Atenas). Deste modo, a tragédia dramatiza a tensão entre manter o segredo - o que garante uma estabilidade precária - e revelar a verdade - arriscando a ordem política, mas fundando uma nova legitimidade.

Assim, Foucault ao fazer o uso de Íon exemplifica um dos modos do perigo político que o dizer verdadeiro pode suscitar para a cidade, e finca novamente que a verdade quando enunciada, não é neutra nem meramente informativa; ela é um acontecimento que pode alterar profundamente o equilíbrio da cidade. “Com efeito, creio que essa peça respondia imediatamente a um problema grego sobre a história política do dizer-a-verdade, sobre a fundação, lendária e verdadeira ao mesmo tempo, do dizer-a-verdade na ordem política” (Foucault, 2010, p. 99).

Dentro da cena política, o parresiasta ocupa um lugar de inevitável perigo, na qual a verdade desafia as estruturas de poder e os locais de conforto daqueles que a ouvem. Assim, a prática do dizer verdadeiro configura-se como uma escolha que requer integridade ética e coragem para assumir os riscos advindos do falar franco, uma vez que o revelar a verdade não apenas ilumina, mas produz, consequentemente, efeitos imprevisíveis para todos os envolvidos nesse jogo da verdade.

O perigo do exercício da verdade e suas implicações no plano político também podem ser observadas a partir do ciclo de desenvolvimento da morte de Sócrates, os diálogos platônicos, Críton, Fédon e a *Apologia de Sócrates* (Platão, 2008). Foucault descreve Sócrates (apud Villa, 2011, p. 63) como o modelo de parresiasta da antiguidade: “Sócrates é aquele que tem a coragem de dizer a verdade, que aceita se arriscar à morte para dizer a verdade, mas praticando a prova das almas no jogo da interrogação irônica”.

Assim, os motivos que levam Sócrates à recusa do exercício político são dados pelo perigo inerente do dizer-a-verdade nos contextos democráticos. Esse ponto marca uma virada decisiva na história da *parresia*: do seu exercício político, enraizado e desenvolvido na *pólis*,

para uma *parresia* ética, ligada ao cuidado de si - transformação fortemente impulsionada pela prática socrática e muito bem-marcada por Foucault em seu último curso *A Coragem da Verdade* (2011).

A partir da trilogia da morte de Sócrates, principalmente da *Apologia*, Foucault interroga a razão da virada socrática da *parresia* política à *parresia* ética: afinal, por que Sócrates não fez política? Ele responde: Sócrates não fez política porque se o fizesse, seria morto. Sócrates tem e não tem medo da morte. Não se trata de medo de deixar de existir, mas de poder abandonar sua missão divina antes do tempo. Essa missão é justamente cuidar do outro e ensinar o outro a cuidar de si (Foucault apud Villa, 2011).

O dizer verdadeiro é uma atividade perigosa que coloca em risco não somente seu locutor – por exemplo, Sócrates, que sempre fugiu do título de parresiasta - mas coloca também a *pólis* em risco, fazendo revelar uma dinâmica política na qual a *parresia* é incapaz de ser praticada dentro de um contexto democrático. Esta relação conflituosa é posta em evidência por Foucault, que revela os limites do político em Atenas que, embora inicialmente pretendesse ser o espaço ideal para a liberdade de expressão e o discurso verdadeiro, mostrou-se incapaz de assegurar uma escuta ética e criteriosa ao dizer franco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação das bases conceituais da *parresia* na tradição grega e sua formulação inicial a partir dos cursos de Michel Foucault *O Governo de Si e dos Outros* (2010) e *A Coragem da Verdade* (2012) proporcionou identificar onde a *parresia* estava situada em sua formulação inicial. A análise da dimensão política da prática parrhesiástica explorou o modo como esta se encontra nas tragédias de Eurípides - em que a palavra *parresia* é atestada em seus escritos pela primeira vez - e de Sófocles, autor de *Édipo Rei*, tragédia de grande relevância na tradição filosófica e utilizada por Foucault (2010) como um dos pontos de partida para a análise do movimento da verdade na estrutura política ateniense.

A política aqui trabalhada não é somente entendida por termos institucionais (leis, Estado, governo); Foucault desenvolve que a política tem forte relação com a verdade e interessado em desdobrar campos de problematização que atravessam a história e ressoam na modernidade, retorna às fontes primárias destes problemas, ou seja, as greco-romanas, como ponto de partida para análise do problema da *parresia*. Assim, ele desloca o olhar para práticas concretas de discurso e crítica dentro das democracias antigas, mas com ressonâncias para o

presente em uma articulação “A articulação entre os modos de veridicção, as técnicas de governamentalidade e as práticas de si, objetivo principal de Foucault em seus últimos cursos e preocupação perene de Foucault” (Foucault, 2011, p. 9).

No curso intitulado *O Governo de Si e dos Outros* (2010) o uso das tragédias não visa extraír de Eurípides e Sófocles, um modelo normativo da franqueza, mas expõe que desde a cultura trágica grega, o problema do dizer verdadeiro já se apresentava como um campo atravessado por tensões e perigos para praticamente todos os envolvidos neste jogo da verdade, sendo irredutível ao exercício efetivo do poder e à condição estatutária do cidadão.

Ao recorrer de *Íon* e *Édipo Rei* (2018), para Foucault, pensar a *parresía* comumente como um ideal abstrato de democracia ou de liberdade de expressão, não é mais possível, abra-se assim caminhos para a análise do discurso verdadeiro como uma prática histórica situada, na qual o movimento parrhesiástico é inseparável de um perigo obscuro. A questão das tragédias, especialmente *Íon*, tem relação com a questão política e com a democracia grega (já que a questão de fundo é justamente *Íon* ter ou não pais que sejam cidadãos atenienses, para que ele possa utilizar a palavra - *parresía* - na democracia de Atenas). Em *Édipo* temos a questão da *parresía* exercida com o tirano.

Deste modo, em seus cursos *O governo de si e dos outros* e *A Coragem da Verdade*, Foucault evidencia que o dizer verdadeiro não se configura como um ideal pacífico ou consensual, mas como uma experiência histórica atravessada por perigos e que se modifica em sua estrutura após passar por crises. Ao se apoiar nas tragédias, prepara o terreno para examinar também os discursos filosóficos e políticos de Isócrates, Platão e Demóstenes, mostrando como a *parresía* se modifica do campo da *pólis* democrática e passa para o de reflexão filosófica e cuidado-de-si, onde encontrará Sócrates, como o maior precursor deste movimento parrhesiástico ético.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Edgardo. **Introducción a Foucault:guia para orientarse y entender una obra en movimiento.** Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2023.
- FOUCAULT, Michel. **2a. Conferência: parrhesia nas tragédias de Eurípides.** Prometheus Filosofia, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- Foucault. **Veritas (Porto Alegre),** [S. l.], v. 68, n. 1, p. e44132, 2023. DOI: 10.15448/1984-



6746.2023.1.44132. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/article/view/44132>. Acesso em: 14 ago. 2025

PLATÃO. Apologia de Sócrates: precedido de Sobre a piedade (Êutifron) e seguido de Sobre o dever (Críton). Porto Alegre: L&PM, 2008.

REFERÊNCIAS

SÓFOCLES. **Édipo Rei.** Organização e tradução do grego de Márcio M. Chaves Ferreira. São Paulo: Scriptorium, 2018. 122 p.

VILLA, Lucas. A vida como escândalo da verdade: o testamento filosófico de Michel